

Celida Salume Mendonça*

*P*istas para uma azulejaria cênica:

elementos do patrimônio como materialidade na educação básica

*Q*ues for scenic tiling:

heritage elements as materiality in basic education

RESUMO

O trabalho relatado é resultante de uma Missão de Trabalho do Programa de Internacionalização Capes Print - UFBA realizada em 2022 na cidade de Évora (PT) vinculada ao Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) - UEVORA. O objetivo dessa missão era desenvolver uma ação artístico pedagógica intensificando o encontro de diferentes saberes entre Brasil e Portugal, considerando suas formas de subjetivação através da instauração de percursos criativos teatrais, envolvendo espaço público, patrimônio, memória, afeto e pertencimento. A abordagem metodológica abrangeu reuniões de planejamento das ações com professores e artistas; pesquisa de campo, identificação e visitas preparatórias aos locais de patrimônio azulejar relevante em Évora; percurso de descoberta do patrimônio com as crianças, professoras e artistas de 3º e 4º ano da Escola EB1 Cruz da Picada; orientação de duas sessões de improvisação dramática com as crianças, em torno do tema; concepção e execução de exposição documental e fotográfica. Os resultados obtidos voltam-se para o aperfeiçoamento da formação de docentes, educadores em geral e pesquisadores da Pedagogia das Artes Cênicas.

Palavras-chave: ensino do Teatro; escola pública; patrimônio azulejar; materialidade.

ABSTRACT

The work reported is the result of a Working Mission of the Capes Print Internationalization Program – UFBA carried out in 2022 in the city of Évora (PT) linked to the Center for Art History and Artistic Research (CHAIA) - UEVORA. The objective of this mission was to develop an artistic pedagogical action intensifying the encounter of different knowledge between Brazil and Portugal, considering their forms of subjectivation through the establishment of creative theatrical paths, involving public space, heritage, memory, affection and belonging. The methodological approach included action planning meetings with teachers and artists; field research, identification and preparatory visits to relevant tile heritage sites in Évora; heritage discovery route with children, teachers and artists from the 3rd and 4th years of the EB1 Cruz da Picada School; guidance of two dramatic improvisation sessions with children, around the theme; conception and execution of documentary and photographic exhibition. The results obtained are aimed at improving the training of teachers, educators in general and researchers in Performing Arts Pedagogy.

Keywords: Theater teaching; public school; heritage tile; materiality.

Colocarei, assim, as imagens (todas as imagens) ao lado dos caranguejos do mar e das borboletas, isto é, na caixa das coisas vivas. São elas que a mim interessam.
Etienne Samain

Como fonte intensa de memórias e sensações, as imagens são lugares impregnados de humanidade, e nos fazem pensar. O seu tempo e o seu espaço nos remetem a uma dada realidade. Em seu ensaio Antropologia de uma imagem “sem importância”, ao falar da fotografia, o professor e pesquisador Etienne Samain sugere que ela pode provocar, conduzir e até dirigir a nossa participação: “A fotografia nos leva, seqüestra-nos. Toda fotografia é uma viagem, melhor ainda: um arrebatamento” (SAMAIN, 2023, p.50). Como um “caleidoscópio vivo”, a fotografia que, pode ser lida como uma “forma que pensa” ou como uma partitura musical inacabada, é desmantelada e reconstruída a cada captura do nosso olhar.

Através do registro imagético aqui compartilhado, volto a esse espaço afetivo da cidade de Évora, quando em janeiro de 2022 me propus a realizar uma Missão de Trabalho na área de Teatro no Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora (CHAIA) junto a uma escola pública de educação básica. Évora foi classificada como Patrimônio Mundial pela UNESCO, sua paisagem urbana reflete a influência exercida pela arquitetura portuguesa no Brasil, como em Salvador. A Missão de Trabalho no Exterior do Programa Institucional de Internacionalização Capes PrInt/UFBA estava vinculada ao projeto de cooperação internacional Memória em Rede: arte, cultura e sociedade do PPGAC/UFBA, enquadrando-se no sub-projeto Estudo das narrativas e das dimensões simbólicas e políticas na construção do imaginário a partir da cidade. O programa volta-se para a internacionalização das atividades acadêmicas focando em seus processos formativos e investigativos.

A experiência relativa a esse projeto poderia ser socializada por diferentes caminhos, mas considerando minha paixão pelas imagens, optei por partir delas, das fotografias que capturaram diferentes momentos desse percurso. A referida missão tinha por objetivo desenvolver um projeto artístico

cultural colaborativo intensificando o encontro de diferentes saberes entre Brasil e Portugal, considerando suas formas de subjetivação através da instauração de percursos criativos teatrais, envolvendo escola, espaço público, patrimônio, memória, afeto e pertencimento nos dois países.

O contato inicial havia sido estabelecido em 2019 por ocasião de meu estágio pós-doutoral em cooperação com a Universidade de Évora, professores/as e alunos/as da Escola Básica do 1.º Ciclo da Cruz da Picada, sob a supervisão da Profa Dra Isabel Maria Gonçalves Bezelga, quando desenvolvi o projeto Materialidade afetiva em jogo: processos de experimentação, aprendizagem e criação teatral na escola. Importante destacar que a Profa. Isabel Bezelga, juntamente com a Profa. Maria da Assunção Folque foram organizadoras do catálogo da exposição Traços de AR, TERRA, ÁGUA e FOGO, que na perspectiva infantil apresenta o trabalho desenvolvido por crianças e educadoras de infância do Jardim Infantil Nossa Senhora da Piedade, que participaram no projeto “SOS Azulejo” (2015/2016). Projeto esse que nasceu da necessidade de combater a delapidação do patrimônio azulejar português que vinha ocorrendo, de modo crescente e alarmante, por furto, vandalismo e falta de cuidado. Dentro de seus interesses de pesquisa, no âmbito das diversas práticas artísticas em/com comunidades e escolas, a professora Isabel dedica-se a significação e/ou ressignificação do patrimônio cultural.

Gosto da sensação de que a escrita seja uma conversa, não um discurso que cumpra o seu papel acadêmico de confirmar ou refutar teorias. A liberdade de poder compartilhar o que consideramos sensível e significativo em uma experiência vivenciada é muito gratificante. O que se faz dentro da universidade e entorno dela nem sempre chega a comunidade, assim, nós professores/as e pesquisadores/as almejamos que essas experiências, além de gerar conhecimento, pesquisa, extensão e incentivar a cultura, possibilitem um engajamento com esses diferentes contextos, abrindo a possibilidade de

desdobramento e partilha do que é realizado na universidade, nas escolas e comunidade, através das famílias das/dos envolvidos/as.

Durante o desenvolvimento da Missão de Trabalho na Universidade de Évora e na Escola Básica do 1º Ciclo de Educação Básica da Cruz da Picada ocorreram atividades acadêmicas e de pesquisa. Entre os/as profissionais envolvidos/as, estavam a professora Isabel Bezelga da Universidade de Évora e as professoras Maria João Silva Coelho Godinho Troupa (Diretora da E.B. da Cruz da Picada), Gheysla Nascimento (professora de Expressão Dramática), e o arqueólogo Takis Sarantopoulos.

As atividades envolveram reuniões de planeamento das ações; pesquisa de campo, identificação e visitas preparatórias aos locais de património azulejar relevante em Évora; percurso de descoberta do património com as crianças, professoras e artistas do 3º e 4º ano da Escola EB1 Cruz da Picada; orientação de duas sessões de improvisação dramática com as crianças, em torno do tema; concepção e execução de exposição documental e fotográfica para partilhar a experiência com a comunidade escolar.

Bairro da Cruz da Picada

Considero importante inicialmente caracterizar o público da Escola EB1 da Cruz da Picada, que se situa num dos bairros periféricos de habitação social mais desfavorecidos, aos níveis cultural, económico e social, do concelho de Évora – Br. da Cruz da Picada. As atividades curriculares para o 1º Ciclo do Ensino Básico acontecem entre as 08h40 e as 15h30. As crianças recebem no refeitório escolar um almoço preparado por nutricionistas, para algumas delas, a única refeição equilibrada do dia. A maioria das crianças que frequentam a escola são abrangidas pela ação social escolar e oriundas de famílias desestruturadas, com poucos recursos e com graves problemas ligados à delinquência e tráfico (algumas crianças têm o pai e/ou mãe e/ou outros familiares detidos por crimes como o tráfico de droga e outros) onde o risco de

exclusão social é altíssimo. Uma das características mais marcantes desta população escolar é a heterogeneidade: são crianças portuguesas, brasileiras, ciganas, crianças de famílias emigradas, outras de “famílias tendeiros” (vendedores ambulantes), crianças em condições “normais” de aprendizagem, outras com muitas dificuldades de aprendizagem e de relação, algumas diagnosticadas com autismo e outras ainda, sem diagnóstico preciso. Muitas delas apresentam, no início da sua escolaridade, déficit de habilidades cognitivas e sociais, também responsáveis pela violência cultural e social no meio escolar, bem como em qualquer outro meio onde coabitem.

Para o professor da Universidade do Minho (PT) Manoel Jacinto Sarmento, as crianças pobres ou excluídas, que vivem nas periferias ou confinadas aos “bairros sociais”, onde passam a totalidade do seu tempo, são as que “menos oportunidades têm de usufruto da experiência propiciada pela cidade, dos espetáculos à frequência de monumentos e sítios, das visitas a museus e bibliotecas aos parques” (SARMENTO, 2018, p.236). Importante salientar que a exclusão social é fundamentalmente um problema relacional, de laços das pessoas e grupos com os/as outros/as, instituições e sociedade. No bairro da Cruz da Picada, os preconceitos que rondam a imagem da comunidade cigana afetam as relações entre as crianças. Na escola, para se promover uma maior aceitação das crianças ciganas, por parte das outras crianças, se torna importante a mediação dos/as docentes.

Esse texto não contemplará todas as ações da Missão de Trabalho, mas estará recortando em especial a ida dos estudantes do 4º Ano da Escola EB1 da Cruz da Picada à Universidade de Évora, local onde encontra-se um grande acervo da azulejaria portuguesa. As reflexões suscitadas por essa experiência ampliam o nosso olhar para além do fazer teatral, por atravessamentos que traduzem a transversalidade de nossas práticas, ampliando as possibilidades das crianças se tornarem cidadãs leitoras. Leitoras de um espaço público que lhes pertence, com um olhar sensível para o lugar a sua volta.

Breve relato de um percurso experienciando o Patrimônio azulejar como Materialidade

O objetivo desta saída em campo era utilizar os azulejos e os espaços públicos como materialidade e pré-texto, possibilitando a fricção entre formas poéticas de criação no desenvolvimento de jogos improvisacionais. No texto *Corpo, espaço e materialidades: o professor de Teatro mediando a criação de um novo lugar* (2019) a professora e pesquisadora Celida Salume Mendonça esclarece a função de diferentes materialidades no interior de uma aula de Teatro.

As materialidades referem-se a materiais em potencial, a um ponto de partida para a investigação cênica, podendo ser uma imagem, uma música, um aroma, um elemento da natureza, um objeto, o fragmento de um filme, de um texto literário ou dramaturgico. Esses elementos com possibilidade de ressonância podem ser inseridos intencionalmente em diferentes momentos dos processos de investigação cênica. (MENDONÇA, 2019, p.10)

Na experiência aqui compartilhada, o patrimônio azulejar de Évora será a materialidade disponibilizada para ser acionada corporalmente, através de jogos improvisacionais, provocando movimentos e ações, possibilitando novas associações, como o surgimento de personagens ou de espaços ficcionais. “Nesse sentido, a intencionalidade do professor de Teatro nessas escolhas é importante para analisar o lugar do sujeito em relação a esses elementos - a ação do sujeito em relação dialética com a materialidade oferecida em situação experimental mediada”. (MENDONÇA, 2019, p.11) A presença dessas materialidades oferece aos estudantes a possibilidade de um encontro e contribui diretamente para um estado de presença no jogo improvisacional instaurado pelo/a professor/a. São diferentes maneiras de experienciar e interpretar o espaço através dos sentidos.

Na manhã inicialmente planejada para ida a Universidade, o carro solicitado pela Escola EB1 da Cruz da Picada a Câmara Municipal de Évora,

não chegou ao local para buscar as crianças. Elas estavam ansiosas, aguardando por um longo tempo e criaram expectativa com essa saída. Como precisaríamos de uma nova autorização para levá-las de ônibus coletivo ou mesmo andando, retornamos à sala de aula e combinei com a professora da turma que iríamos projetar na parede, as imagens de alguns azulejos que elas encontrariam na universidade, nessa visita.



Figura 1 – Estudantes da Escola EB1 da Cruz da Picada em quadros vivos na sala de aula.
Fotografia: da autora.

Realizamos uma leitura espontânea das imagens dos azulejos onde as crianças estabeleciam relação com o seu universo. Na sequência, o espaço era aberto para em grupos construírem quadros vivos (Figura 1) relacionados as imagens projetadas. Em um dos azulejos havia uma colmeia e um enxame de abelhas e uma das crianças fez relação com uma história oral que contavam sobre a origem do nome do bairro da Cruz da Picada. Fazíamos um rodízio para que todos/as pudessem participar e algumas crianças se

ofereciam para estar presentes em todas as imagens. Sinalizo que foi uma atividade improvisada diante da impossibilidade de sair naquele dia. Nós professores/as, muitas vezes temos que lidar com o inesperado.

Em data posterior, com as autorizações em mãos, reorganizamos a ida a Universidade de Évora - Colégio do Espírito Santo, dessa vez fazendo o trajeto a pé com as crianças. Em janeiro é inverno em Portugal, mas independente do frio, a maioria dos/as alunos/as do 4º Ano se fizeram presentes nessa manhã, como podemos observar na Figura 2.



Figura 2 - Professoras e estudantes do 4º Ano da Escola EB1 da Cruz da Picada prontos para a caminhada até a UEVORA. Fotografia: da autora.

O arquiteto, professor e pesquisador Francesco Careri defende o caminhar como uma forma de arte, como uma prática estética. Em seu livro Walkscapes O Caminhar Como Prática Estética, ele propõe o “caminhar como forma de intervenção urbana”. Para o autor, o grande jogo do caminhar,

seria um jogo do tipo detetive em busca dessas situações lúdicas já existentes nas cidades.

Eis por que a abordagem artística é tão importante para compreender o nosso modo de perceber o mundo através dos caminhos que o perpassam, na medida em que enfatizam a dimensão da experiência sensível e afetiva do caminhar (CARERI, 2013, p.20).

No trajeto da escola até a Universidade de Évora é evidente que, para as crianças, não há uma intencionalidade no interior dessa caminhada, para além do objetivo de ir até a cidade conhecer os azulejos da Universidade. Diante do espaço restritivo da sala de aula, é de certa forma uma aventura, esse se permitir caminhar livre para fora dos muros da escola. Nesse percurso, há uma multiplicidade de possibilidades de se relacionar com o espaço. Dialogando com a visão de Careri, as caminhadas são também uma forma de conhecer verdadeiramente o nosso lugar, observando, deixando-se atravessar por uma cidade de vida espontânea, de cultura.



Figura 3 - Estudantes do 4º Ano da Escola EB1 da Cruz da Picada deslocando-se do bairro para o Centro Histórico de Évora. Fotografia: da autora.

Em meio ao caminho, o percurso revela-se como puro ato estético, como podemos observar na Figura 3. Ao atravessar a paisagem, as crianças vão tocar na terra, nas plantas e respirar o ar puro da manhã. Na infância, estar no mundo parece um momento de festa constante. O espaço mobiliza o corpo inteiro a agir, mas este mesmo corpo é muitas vezes reprimido no contexto escolar. Por mais rígida que seja a disciplina desse “seguir em fila e juntos” (regras estabelecidas na partida pela professora da turma) em algum momento vão tentar se afastar do grupo, e/ou interagir com os/as colegas.



Figura 4 – Estudantes do 4º Ano da Escola EB1 da Cruz da Picada no barranco colhendo flores. Fotografia: da autora.

Para Francesco Careri, o parar também pode ser encarado como parte do caminhar. Na Figura 4 as crianças sobem em um barranco para colher flores e oferecer as professoras, reafirmando a dimensão sensível e afetiva da experiência do caminhar. Fora da sala as expressões são mais leves, se permitem ser “mais” crianças. Para o arquiteto, “O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados” (CARERI, 2013, p.25).

Sob o olhar do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan experienciar é aprender, atuar sobre o dado e criar a partir dele: “O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (...)” (1983, p. 10). Nesse sentido, a experiência do percurso entre o bairro e a cidade implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência das crianças. Sentir e pensar poeticamente são maneiras de conhecer e constituem um continuum experiencial. Sentir um lugar leva mais tempo, depende da frequência de experiências repetidas dia após dia: “O que começa como espaço diferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (1983, p. 6). Quando o espaço adquire significado e nos é inteiramente familiar, transforma-se em lugar.

Em seu texto *Infância e cidade: restrições e possibilidades*, Sarmento também nos coloca diante dos fatores que influenciam a condição da infância na cidade. Em uma perspectiva sociológica, a vida das crianças exprime a complexidade das realidades sociais contemporâneas, podendo associar-se aos contextos urbanos, tanto fatores de restrição da cidadania da infância quanto fatores de possibilidade.

As desigualdades ao acesso à cidade e ao usufruto de condições de vida urbana são um elemento essencial na caracterização das restrições que atualmente se colocam nas cidades de concretização dos direitos sociais das crianças, a começar pelo “direito à cidade” (LEFÈBVRE, 2001). No entanto, as cidades não contêm apenas fatores de restrição de direitos; elas são, também, pelas suas características espaciais e relacionais, contextos possíveis de potenciação dos direitos das crianças. (SARMENTO, 2018, p.233)

Nesse sentido se faz importante sinalizar que na ocasião do projeto, a maioria das crianças não conhecia o centro histórico e a universidade, apesar de Évora ser uma cidade relativamente pequena. O que se justifica se tomarmos por referência as crianças de etnia cigana. As pessoas ciganas que moram em acampamentos em Évora residem há anos na cidade e revelam

um forte sentimento de pertença a esses territórios, entretanto, vivem em contexto de pobreza e marginalização, afastados da vida da cidade. Como destaca Sarmiento “o afastamento espacial das crianças, ou a sua restrição, é também um afastamento da possibilidade de produção pela criança de uma autoconsciência como ser da cidade e como interveniente na vida em comum” (2018, p. 235).

Nessa atividade, a escola entra como elo entre o bairro e a cidade potencializando os direitos dessas crianças de viverem o seu lugar por meio de diferentes práticas sociais e culturais e conhecerem o seu patrimônio histórico.



Figura 5 – Estudantes da EB1 da Cruz da Picada lanchando após caminhada até a universidade. Fotografia: da autora.

Assim que chegamos no Colégio do Espírito Santo da Universidade de Évora, trajeto que durou aproximadamente 45 minutos de caminhada, as

crianças tiveram um tempo para descansar e lanchar na área externa, como vemos na Figura 5.

Em seguida nos dirigimos para a entrada principal. Como ainda nos encontrávamos no período com efeitos da pandemia da Covid-19 passamos com as crianças por um pórtico de desinfecção (Figura 6) que havia sido instalado na entrada principal da universidade. O que se converteu numa experiência bastante lúdica para a maioria. Além disso, entre as medidas restritivas estava o uso da máscara.



Figura 6 – Crianças passando no pórtico de desinfecção na entrada do Colégio do Espírito Santo (UEVORA). Fotografia: da autora.

Ao adentrarem na universidade, as crianças foram orientadas a permanecerem juntas e atentas as orientações das professoras. Para a maioria era a primeira vez que se defrontavam com esse espaço. O Colégio do Espírito Santo, construção de arquitetura renascentista, que abriga a Universidade de Évora (UEVORA) fundado em 1559, foi escolhido para o

desenvolvimento dessa atividade, em função da quantidade de azulejos presentes em seu interior. Eles eram utilizados para ilustrar e reforçar os ensinamentos ministrados pelos jesuítas. O revestimento de azulejos das salas de aula da universidade foi concluído em 1749, mas em apenas dez anos (1759), ela foi extinta. Na década de 70 do século XX, após um período de abandono, o edifício foi restaurado e aberto novamente como sede da Universidade de Évora.

Não apenas em Évora, mas em Portugal, de forma geral, encontramos um gigantesco museu vivo da Arte da Azulejaria. O azulejo tornou-se um elemento de construção e de verdadeira expressão artística nacional, sendo uma das contribuições mais expressivas para o patrimônio cultural mundial, uma tradição que perdura há mais de cinco séculos.



Figura 7 – Crianças observando o painel de entrada de uma das salas do Colégio do Espírito Santo (UEVORA) e ouvindo as recomendações das professoras. Fotografia: acervo pessoal

A grande maioria dos azulejos que revestem o espaço externo, corredores e salas da Universidade de Évora são azuis e brancos. A

construção se organiza em vários pátios e claustros. Os azulejos adquiriram essas cores por influência da porcelana chinesa azul e branca muito apreciada em Portugal. Em uma tentativa de imitar a China, no século XVII, os holandeses começaram a fabricar azulejos nas mesmas tonalidades. Posteriormente, essas peças foram importadas para Portugal. Na Figura 7, os/as estudantes estão prestes a entrar na Sala 122, designada Aula de Geografia (1747), que vai dar uma ideia global sobre os cenários de cada continente.



Figura 8 – Crianças tocando os azulejos das salas do Colégio do Espírito Santo (UEVORA).
Fotografia: acervo da autora.

Na visita a universidade as crianças fizeram um tour por algumas das salas de aula, como a do Gabinete de Física e a Sala dos Atos Solenes. Os temas, ligados às disciplinas ensinadas em cada sala ou simplesmente decorativos, fazem referência a episódios extraídos da vida dos filósofos gregos e da literatura latina, e aos conteúdos ministrados, como à matemática, à astronomia, à física e às belas artes.

Um ambiente convidativo para a exploração permite o toque (Figura 8). As paredes estavam cobertas de azulejos que contavam diferentes

narrativas. Assim, as crianças tocavam os azulejos, faziam comentários, arriscavam perguntas sobre as imagens. As professoras esclareciam como era possível identificar diferentes épocas, através dos painéis de azulejos que retratavam acontecimentos da história de Portugal.

A responsabilidade de viabilizar aulas que os tirem de suas carteiras, dos muros da escola, e que suscitem uma aprendizagem significativa, através de novas metodologias, muitas vezes fica a cargo apenas dos/das professores/as de Arte. É preciso sempre que possível sair das quatro paredes, discutir conteúdos vivos, visões de mundo, ensinar a ver, tocar, sentir, experienciar, criticar, sonhar. Toda e qualquer aula pode conter uma dimensão lúdica. É a escola pública, esse local muitas vezes árido, mas igualmente fértil, que pode democratizar o acesso à Arte, despertando esse desejo de conhecer mais e compartilhar essas vivências.



Figura 9 – Crianças do 4º Ano da Escola EB1 da Cruz da Picada olhando o livro “Os azulejos da Universidade de Évora” de Monsenhor José Filipe Mendeiros.
Fotografia: da autora.

Durante o percurso pelas salas da universidade foi disponibilizado para as crianças um livro sobre os azulejos que eles podiam folhear quando quisessem e conversar com os/as colegas sobre o que viam. Na Figura 9 as

crianças da Escola EB1 da Cruz da Picada reconhecem no livro alguns dos azulejos que veem na sala, leem e conversam sobre as imagens.

Os temas dos azulejos da cidade de Évora eram os mais variados, com diferentes padrões, contemplando figuras históricas, religiosas e mitológicas, cenas campestres e militares, cenas de pesca e caça, cenas bíblicas, cenas bucólicas, de paisagens, cenas com deuses e anjos, cenas de guerra, combates, criaturas animais. A narrativa de imagens era formada ainda por experiências científicas e conceitos filosóficos, representação das estações, dos continentes, dos meses do ano e signos do zodíaco.



Figura 10 – Crianças fisicalizando as imagens dos azulejos das salas do Colégio do Espírito Santo (UEVORA). Fotografia: da autora.

Nesse dia o fazer teatral restringiu-se aos exercícios de improvisação a partir dos azulejos, no ato de fisicalizar as imagens presentes, apoiados/as na representação corporal consciente. Na fisicalização a criança não conta o que vê, mas trabalha com o corpo todo, distanciando-se do foco narrativo, mostra a intencionalidade de um gesto. No plano da corporeidade,

o mostrar é tornar real o que significa a ação da realidade cênica, a partir do que leram na narrativa do azulejo, as personagens e objetos imaginários. Na Figura 9 dois meninos fisicalizam a luta de soldados, usam o próprio corpo para dar vida a cena. As crianças entram em contato com a realidade do fazer teatral ao nível físico, na experiência do aqui-agora. A fisicalização é uma experiência teatral concreta, viva. A abordagem pedagógica do conceito de fisicalização cunhado por Viola Spolin (2010) tem relação direta com princípios inerentes ao método das ações físicas de Constantin Stanislavski, um dos nomes de destaque do teatro russo, conhecido pelo seu método de atuação, que viabilizou um diálogo entre o Teatro e a Pedagogia.



Figura 11 – Criança fisicalizando um “cão jacaré” no Colégio do Espírito Santo (UEVORA).
Fotografia: da autora.

Quando vivenciamos uma experiência de forma plena, absorvidos, sem distrações, é de forma lúdica que a experienciamos. As imagens presentes nos azulejos estimulam o corpo a agir. Nesse encontro entre a materialidade

do azulejo e os corpos das crianças, elas são afetadas e afetam outros corpos com as imagens que fisicalizam. Na Figura 11 uma das crianças constrói o seu “cão jacaré” presente na cena que sugere um ataque indígena, e chama a minha atenção ao latir; enquanto que na Figura 12, outro aluno fisicaliza um dos animais que vem atravessando a paisagem com o seu pastor. Nas cenas retratadas entre os homens e os animais nem sempre as relações eram harmoniosas, em algumas delas fica bem registrada a exploração e até a violência do ataque aos animais, cercados e atingidos por lanças e espadas. As personagens, embarcações e/ou lugares fisicalizados pelas crianças individualmente ou em grupo descolavam as narrativas que revestiam as paredes, dando tridimensionalidade as salas. As leituras das imagens e os processos criativos seguiram pelas diferentes salas visitadas.



Figura 12 – Criança da Escola EB1 da Cruz da Picada fisicalizando animal com chifre.
Fotografia: da autora.

É também a partir da expressão pessoal, que a criança pode vir a aprender qualquer tipo de conhecimento e colocar-se no mundo de forma mais segura. Na escola, são as aulas de Arte que propiciam esse espaço, convertendo-se em um espaço vivo, que vem exercendo atração e interesse nos/as nossos/as alunos, reencantando o processo educacional.



Figura 13 – Crianças da Escola EB1 da Cruz da Picada na exposição do processo vivenciado. Fotografia: da autora.

Por fim, a exposição documental e fotográfica do processo vivenciado mobilizou as crianças como podemos observar na Figura 13. Foi um momento de compartilhar a experiência com outros/as estudantes da escola, com os/as funcionários/as e professores/as da EB1 Cruz da Picada.

Reflexões finais

A referida Missão de Trabalho articulou-se ao projeto de pesquisa Performance, Patrimônio e Comunidade, que vem sendo desenvolvido no eixo Teatro e Performance em diálogo, coordenado pela professora Isabel Bezelga no Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA-UE).

Entre os benefícios da Missão de Trabalho vale a pena ressaltar novamente que a grande maioria dos/das estudantes da Escola EB1 Cruz da Picada não conhecia os espaços do patrimônio, explorados cenicamente em sua cidade. Pelos comentários das crianças no interior da experiência, entendemos que foi uma prática pedagógica significativa que pode ter contribuído para ampliar o olhar para a cidade e o seu patrimônio cultural, despertando a sensibilidade de cada um. Acreditamos que, em experiências futuras, os processos de percepção e expressão desenvolvidos e compartilhados, se interliguem com os próprios processos de criação futuros. Também o ato de caminhar se evidenciou como um jogo com o espaço, onde puderam construir uma paisagem singular e original no percurso que fizeram até a Universidade e na volta dela.



Figura 14 - Crianças da Escola EB1 da Cruz da Picada tocando a "ÁRVORE"- Escultura de João Concha na Praça do Giraldo na volta da universidade. Fotografia: da autora.

Importante ressaltar que as ações realizadas tiveram posteriormente desdobramentos através de atividades que foram desenvolvidas em sala de aula com seus/suas respectivos professores/as.

Obtivemos resultados imediatos no interesse e curiosidade despertados nas crianças pelo patrimônio local ainda desconhecido através de seus corpos, bem como no trajeto de exploração sensível desde a escola até o Centro Histórico. Os azulejos se reafirmaram como materialidade em potencial para trabalhar num olhar transdisciplinar o Teatro e a História. E imaginamos que nunca passarão despercebidos por esse grupo de crianças. Também no retorno da universidade para o bairro, o espaço público foi valorizado. Na Figura 14 as crianças sentem pelo toque a escultura "ÁRVORE" do artista João Concha, exposta temporariamente na Praça do Giraldo.

As aulas de Teatro (Brasil) ou de Expressão dramática (Portugal) permitem ao/à aluno/a ser um colecionador de lembranças de atmosferas, reais e inventadas, povoadas de diferentes sensações, de sentimentos complexos. Esses encontros podem ocasionar experiências íntimas e únicas de aprendizagem com esse novo lugar em que a sala de aula e/ou outros espaços explorados no contexto educacional sejam transformados.

Almeja-se explorar a temática afeto e pertencimento através do Ensino do Teatro (Brasil) e Expressão dramática (Portugal) como possibilidade de aproximação e valorização dos estudantes de escolas públicas e da interação com o patrimônio de suas cidades (Salvador e Évora).

Em 2023 com o Projeto Vivificar o patrimônio cultural da cidade de Salvador através de experiências cênicas do Programa Permanecer UFBA 2023 através de experiências cênicas foi possível levar os/as estudantes do 5º Ano da Escola Municipal Santa Ângela das Mercês na Igreja para conhecer e interagir com o patrimônio azulejar do Claustro do Convento São Francisco, no Pelourinho em Salvador/BA (Brasil). Os resultados obtidos voltam-se para o aperfeiçoamento da formação de docentes, educadores em geral e pesquisadores da Pedagogia das Artes Cênicas.

REFERÊNCIAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética** / Francesco Careri ; prefácio de Paola Berenstein Jacques ; [tradução Frederico Bonaldo]. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora G. Gili, 2013.

MENDONÇA, Celida Salume. **Corpo, Espaço e Materialidades: o professor de Teatro mediando a criação de um novo lugar**. In: A busca do comum: Práticas artísticas para outros futuros possíveis. (Coord. Carla Cruz, Hugo Cruz, Isabel Bezelga, Miguel Falcão e Ramon Aguiar) Porto, PT. EIRPAC, 2019.

SAMAIN, Etienne. **Antropologia de uma imagem “sem importância”**. Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis, UFSC, v.5, n.1, p. 47-64, julho 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância e cidade: restrições e possibilidades**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago. 2018.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução e revisão: Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. - São Paulo: Perspectiva, 2010. - (Estudos; 62 / dirigida por J. Guinsburg)

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

***Celida Salume Mendonça** possui graduação em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1990), mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004), doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2009) e pós-doutorado no Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora - Portugal. Atualmente cursando pós-doutorado no Centro de Artes (CEART) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora Associada III da Escola de Teatro, do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia e do Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes).

Recebido em 06 de junho de 2024
Aprovado em 11 de outubro de 2024
